

Armínio indica que juros podem não cair agora

Segundo presidente do BC, arrefecimento econômico será só um dos fatores a considerar no próximo Copom

Luciana Rodrigues

O presidente do Banco Central (BC), Armínio Fraga, esfriou um pouco o otimismo de parte dos analistas do mercado financeiro que, esta semana, começaram a apostar numa queda de juros ainda este mês. Ontem, após a abertura do seminário "Três anos de metas para a inflação", na sede do BC no Rio, Armínio afirmou que o nível de atividade econômica será apenas um dos fatores analisados durante a próxima reunião mensal do Comitê de Política Monetária (Copom), semana que vem, quando será decidida a nova taxa básica de juros.

Werlang defende a adoção do núcleo da inflação

Em entrevistas recentes, Armínio e o diretor de Política Econômica do BC, Ilan Goldfajn, citavam a desaceleração da economia como fator de preocupação e haviam sido interpretadas pelo mercado como um sinal de que o BC poderia cortar os juros ainda este mês. O desaquecimento do consumo abria espaço, nessa análise, para um corte de juros.

Mas Armínio fez questão de afastar essa interpretação:

— A demanda (do mercado consumidor) não é o único fator e é assim que deve ser interpretada. Vamos avaliar não só a demanda, mas o conjunto de fatores que podem influenciar a trajetória futura



ARMÍNIO FRAGA (segundo à esquerda): "A demanda (do mercado consumidor) não é o único fator e é assim que deve ser interpretada"

da inflação — disse Armínio.

— O nível de atividade é uma questão importante assim como os outros dados — corroborou Goldfajn, que também participou do seminário.

Armínio acrescentou que o atual arrefecimento da atividade econômica é conjuntural e que ainda é cedo para estimar qual será a trajetória futura da economia.

— A economia vinha numa trajetória de recuperação e agora dá sinais de arrefeci-

mento. Qual será a direção que virá daqui para frente é difícil prever. Vivemos num momento de certa tensão, os últimos dias nos deram alguns sinais positivos nos indicadores financeiros, mas é muito cedo para prever — afirmou.

Os economistas de mercado presentes no seminário interpretaram o discurso de Armínio como uma indicação de que pode não ser dessa vez a redução da taxa básica de juros, que foram cortadas para

18,5% em março mas, em abril, ficaram inalteradas.

Durante o seminário, o economista Sérgio Werlang, ex-diretor de Política Econômica do BC e hoje diretor do Itaú, sugeriu que o BC adotasse o núcleo da inflação (índice que expurga as variações mais bruscas de preços) para evitar que choques temporários levavam a um endurecimento da política monetária.

— Seria importante para o mercado não confundir uma

reação do BC ao núcleo com um movimento temporário, evitando assim, o pânico inflacionário — disse Werlang, que defendeu um índice de núcleo que eliminasse os preços administrados da economia.

Armínio, no entanto, rechaçou essa hipótese, argumentando que a adoção do núcleo dificultaria o acompanhamento, pela população, do sistema de metas. E foi além: na sua opinião, o sistema de metas para inflação é o único modelo

possível na condução da política monetária.

Pastore: verdadeiro teste do sistema será em 2003

Ao responder a uma pergunta sobre se haveria esse mesmo seminário, no ano que vem, para analisar os quatro anos de metas para a inflação — o economista Affonso Celso Pastore, ex-presidente do BC, afirmara minutos antes que "o verdadeiro teste do sistema de metas é se tivermos um quarto seminário", numa referência à mudança de governo em 2003 — Armínio afirmou:

— Eu não vejo outro sistema. Se alguém que vai estar aqui no futuro não anunciar (o sistema de metas), eu creio que a sociedade não vai aceitar. Eu acho que é de interesse de quem estiver aqui daqui a três anos, cinco anos, dez anos, preservar esse tipo de transparência. Há a necessidade de se dar uma âncora de médio e longo prazo, algo que fuja da conjuntura e das tentações de curto prazo.

Armínio rebateu as críticas ao fraco crescimento econômico dos últimos anos alegando que, nesse intervalo de tempo, o Brasil viveu seguidos choques, como a desvalorização do real em 1999 e a crise argentina, no ano passado. Na sua opinião, nos últimos três anos, o único período que poderia ser usado como ilustrativo do potencial do país é o de 2000, quando não houve choques. ■